

SABER COOPERAR

ANO 1 | NÚMERO 2 | JUNHO DE 2011

A REVISTA DO SESCOOP

Artigo:
Juventude Cooperativa,
por Roberto Rodrigues

Entrevista:
Ministro Carlos Lupi:
"Qualificação profissional
também é responsabilidade
da iniciativa privada"



JUVENTUDE EM FOCO

Sescoop lança programa
Aprendiz Cooperativo

página 10

O cooperativismo acredita nas pessoas.
E a OCB acredita no cooperativismo.



O cooperativismo gera renda e qualidade de vida para mais de 30 milhões de brasileiros. E para atuar em defesa de um movimento presente na vida de um número tão grande de pessoas, existe a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), entidade oficialmente reconhecida como representante e promotora do cooperativismo no país.

A instituição trabalha nas esferas política e econômica para criar oportunidades, no Brasil e no exterior, para as cooperativas. Assim, as cooperativas podem criar mais e mais oportunidades para cada vez mais e mais pessoas.

www.brasilcooperativo.coop.br



JOVEM, O FUTURO DO BRASIL E DO COOPERATIVISMO



Márcio Lopes
presidente

Falar em cooperativismo é tratar de inclusão social, já que este é, na verdade, seu grande diferencial e porque não dizer sua vocação. De forma particular, a prática cooperativista desperta o espírito empreendedor e tem a capacidade ímpar de integrar pessoas ao mercado de trabalho e à própria sociedade.

Neste universo, estão homens e mulheres de todas as idades, raças e credos e, com certeza, as novas gerações. São elas, sem dúvida, o futuro do movimento cooperativista, e mais ainda, do país. Por isso, com o objetivo de cumprir com seu papel social e ajudar a trilhar novos caminhos, o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) desenvolve ações específicas para o público jovem, como Cooperjovem e Jovens Lideranças.

É com essa *expertise* que o "S" do cooperativismo lança o Programa Jovem Aprendiz Cooperativo. A partir de uma formação pautada nos valores e princípios cooperativistas, esta ferramenta efetiva de aprendizagem capacitará a juventude para uma vida profissional em cooperativas. Trata-se de uma meta ainda mais ampla: contribuir também para o desenvolvimento humano, social e cultural desses futuros cooperativistas.

A intenção é preparar os aprendizes para uma atuação qualificada nas cooperativas. Isso vai ocorrer a partir de uma articulação entre teoria e prática, com uso de conhecimentos e habilidades que potencializem esse desempenho. Desta forma, o Sistema Cooperativismo Brasileiro traça os caminhos do amanhã, investindo no futuro do movimento cooperativista e do país.

Por todas essas razões, o Programa Jovem Aprendiz Cooperativo será o tema da principal matéria desta segunda edição da Revista do Sescoop – Saber Cooperar. A publicação detalha ainda outra ação voltada para a juventude, o Dia Internacional do Cooperativismo, comemorado no primeiro sábado de julho. E traz um artigo especial do líder cooperativista Roberto Rodrigues, justamente sobre a importante participação desse público no movimento cooperativista.

A revista também apresenta informações sobre projetos especiais do Fundo Solidário de Desenvolvimento Cooperativista (Fundecoop) e novidades da Rede Brasileira de Pesquisadores em Cooperativismo (RBPC) e do Observatório do Cooperativismo.

Com a palavra,
o leitor!



INTEGRAÇÃO

“Recebemos o número um da *Saber Cooperar*. Nos sentimos honrados como destinatários e, do seu exame, percebemos que ela há de ser, sim, um extraordinário fator de maior integração entre as cooperativas brasileiras. É o que desejamos. É o que todos nós, envolvido e amantes do cooperativismo, desejamos. Após a leitura estaremos mais informados sobre o cooperativismo, pois os títulos já permitem a ideia do enriquecedor material que nos foi disponibilizado.”

**Brasil Salomão e Matthes Advocacia,
Ribeirão Preto-SP.**

CONHECIMENTO

“Aprez-me cumprimentá-lo cordialmente e em seguida aproveito para acusar e agradecer o recebimento do exemplar da 1ª Edição da *Revista Sescoop – Saber Cooperar*, publicado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo Sescoop. Parabenizamos pela iniciativa de levar ao conhecimento da sociedade o trabalho que é realizado pelo Sistema Cooperativista Brasileiro.”

**Ângelo Crema Marzola Júnior,
Palmas-TO.**

PARABÉNS

“Gostaria de parabenizar-lhes pela excelente revista. Há muito, o sistema cooperativo precisava dela. Recebi no início desta semana, li e gostei muito. Parabéns e sucesso.”

**Robson Vitor Gonçalves de Matos
Analista Técnico do Sebrae.**

Mande seus comentários e sugestões para: revistadosescoop@sescoop.coop.br

SABER COOPERAR

www.brasilcooperativo.coop.br
Todos os direitos reservados



SESCOOP
Serviço Nacional de Aprendizagem
do Cooperativismo

DIRETORIA DO SESCOOP:

Presidente:

Márcio Lopes de Freitas

Superintendente:

Luís Tadeu Prudente Santos

GERÊNCIA GERAL:

Ryan Carlo Rodrigues dos Santos

CONSELHO EDITORIAL:

Andrea Sayar Ferreira Nunes

Adriano Trentin Fassine

Christiane Rodrigues de Lavor

Fernando Ripari

Inês Rosa

Karla Tadeu Duarte de Oliveira

Ryan Carlo Rodrigues dos Santos

Samuel Zanella Milléo Filho

COORDENAÇÃO:

**Gerente de Comunicação
do Sescoop:**

Inês Rosa

Jornalistas:

Daniela Lemke

Gabriela Prado

Analista de Comunicação Visual:

Cláudio Nóbrega

PRODUÇÃO:

Grupo 108 de Comunicação

Regina Pessoa

Jornalistas responsáveis:

Celso Cavalcanti – 2552

Larissa Bortoni

Projeto gráfico e diagramação:

Jailson Belfort

Revisão:

Helena Jansen

Gráfica:

Coronário

Tiragem:

10.000 exemplares

Entrevista

Carlos Lupi, ministro do Trabalho e Emprego



06

Capa

- Sescoop lança programa Aprendiz Cooperativo
- Legal e socialmente responsável
- Pioneirismo na aprendizagem cooperativista



09

Fundecoop

*Bahia e Tocantins dão exemplo na aplicação
de recursos do Fundo*



23

Estudos e Pesquisas

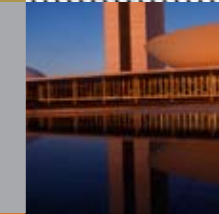
*Rede Brasileira de Pesquisadores em
Cooperativismo
Observatório do Cooperativismo*



30

Agenda Legislativa

*Cooperativismo define sua agenda para
2011 no Congresso Nacional*



36

Artigo

Juventude Cooperativa, por Roberto Rodrigues



38

Dia Internacional do Cooperativismo

*Uma data para celebrar o cooperativismo
no mundo*



40

Especial

Cooperativismo avança no Amazonas



43

“A QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NÃO DEPENDE SÓ DO GOVERNO. A INICIATIVA PRIVADA TAMBÉM TEM RESPONSABILIDADE”

ENTREVISTA



Carlos Lupi - Ministro do Trabalho e Emprego

AGÊNCIA BRASIL

O Brasil nunca criou tantos empregos formais como agora. É o que afirma o ministro do Trabalho e Emprego, Carlos Lupi. Ele admite, porém, que mais contratações aconteceriam se a mão de obra brasileira fosse mais qualificada. Para superar esse desafio o Ministério conta com o Plano Nacional de Qualificação, e recentemente o Governo Federal lançou o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (Pronatec). Nesta entrevista exclusiva à Revista Saber Cooperar, Carlos Lupi afirma ainda que com o Programa Aprendiz Cooperativo, o Sescop mostra ter uma visão estratégica do país, pois segundo ele, investir na capacitação dos jovens é contribuir para o desenvolvimento do Brasil.

Que avaliação o senhor faz do atual cenário de qualificação profissional no Brasil?

O Brasil está gerando empregos como nunca e as vagas são, em sua grande maioria, para trabalhadores qualificados. Por isso, temos como principal gargalo atualmente a qualificação dos trabalhadores. Nós estamos multiplicando o número de trabalhadores qualificados. Todos os cursos estão focados na inserção desse trabalhador no mercado de trabalho e na geração de emprego e renda por meio da prestação de serviço de forma autônoma. O Governo Federal está fazendo a sua parte, dando oportunidade de crescimento, oferecendo um caminho a milhares de pessoas que antes não tinham nenhuma expectativa.

Apesar de o país ter gerado 15 milhões de empregos nos últimos oito anos, uma pesquisa recente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostrou que as grandes empresas apontam a escassez de trabalhadores qualificados como obstáculo para que o desemprego diminua ainda mais. Quais as iniciativas do Governo Federal para enfrentar esse desafio?

Em março registramos o maior número de demitidos da série histórica do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o que é uma incoerência muito grande em um mercado que diz que está faltando mão de obra qualificada. Ou eles demitiram só os não qualificados ou esse mercado continua aquecido. Nós já temos o Plano Nacional de Qualificação, no âmbito do MTE, e lançamos um grande programa para essa área, que foi idealizado pela presidenta Dilma Rousseff, em conjunto com

outros ministérios, para nos próximos anos trabalharmos fortemente na qualificação nas áreas onde há demanda, onde há mercado de trabalho.

Quais os principais objetivos e resultados já alcançados pelo Plano Nacional de Qualificação?

O principal intuito do PNQ é universalizar o direito do trabalhador à qualificação, contribuindo para o aumento da probabilidade de obtenção de um emprego ou da participação em processos de geração de trabalho e renda. Dessa forma, promovemos a inclusão social, redução da pobreza, combate à discriminação e diminuição da vulnerabilidade da população. O governo está se esforçando e já geramos mais de 1 milhão de trabalhadores qualificados. Mas ainda é pouco. Nós precisávamos de 3 milhões ao ano porque o mercado evoluiu.

“O Brasil está gerando empregos como nunca e as vagas são, em sua grande maioria, para trabalhadores qualificados.”

E as principais dificuldades encontradas para que esses resultados sejam ainda melhores?

A questão da qualificação profissional não depende só do governo. A iniciativa privada também tem responsabilidade, porque o grande beneficiado do tra-

balhador qualificado é ela, que passa a ter um profissional que produz melhor e tem maior rendimento. Eu penso que nós temos que dividir essa responsabilidade. O governo está buscando e trabalhando para cumprir sua parte. Mas a iniciativa privada também tem que cumprir a sua, qualificando seu próprio trabalhador.

Como o senhor vê a participação do Sistema “S” nesse esforço de educação profissional?

Sem dúvidas, o Sistema “S” é um grande qualificador de mão de obra no nosso país. Contamos com o trabalho desenvolvido por essas instituições, inclusive para as qualificações oferecidas pelo MTE. São entidades que colaboram para inserir no mercado um número cada vez maior de trabalhadores qualificados, ajudando a diminuir essa grande demanda do mercado de trabalho.

“Já geramos mais de 1 milhão de trabalhadores qualificados. Mas precisávamos de 3 milhões ao ano porque o mercado evolui.”

O Sescop lançou, em abril, o Programa Aprendiz Cooperativo, que prevê a inserção do jovem no mundo do trabalho. Como o senhor avalia essa iniciativa de inclusão da juventude no setor cooperativista?

Por meio da aprendizagem estamos buscando caminho para incluir nossos jovens no mercado de trabalho. Ensinar os jovens não é custo, é investimento. A empresa que cumpre a lei demonstra visão estratégica do país. E com as cooperativas não é diferente. Contratando aprendizes estão valorizando o recurso público, investindo na capacitação desses jovens e ajudando no desenvolvimento do Brasil. Estar dentro da empresa possibilita que os aprendizes tenham um crescimento profissional muito maior, aprendendo a teoria nos bancos escolares e a prática nas próprias empresas, onde poderão seguir carreira. Esses jovens estão tendo a chance de se tornarem grandes profissionais e não se voltarem à marginalidade. Eles precisam de oportunidade para que daqui a alguns anos sejam profissionais capazes de ocupar as vagas que estão surgindo no nosso país.

O senhor esteve presente na instalação da Frente Parlamentar do Cooperativismo-Frencoop para o exercício de 2011, no último mês de março. Qual a importância, na sua avaliação, das cooperativas para a geração de emprego e renda no Brasil?

As cooperativas são importantes instrumentos de geração de empregos e renda no Brasil, porque quando estão organizados nestas instituições, os trabalhadores dependem exclusivamente da sua capacidade de produção. E o MTE apoia o cooperativismo porque este leva conhecimento de gestão e empreendedorismo às instituições, apontando os melhores caminhos para o sucesso do grupo.

O programa Aprendiz Cooperativo, lançado pelo Sescop, oferece oportunidade de inserção dos jovens no mundo do trabalho e formação de profissionais qualificados para as cooperativas

Juventude em foco

A contratação de aprendizes na faixa dos 14 aos 24 anos de idade é uma determinação legal que alcança estabelecimentos de qualquer natureza – inclusive as cooperativas. Segundo a legislação, os jovens devem ser empregados e matriculados nos cursos dos serviços nacionais de aprendizagem, numa proporção entre 5% e 15% do total de trabalhadores, consideradas as funções que exijam formação profissional.



Mais do que possibilitar o cumprimento da lei pelo setor cooperativista, o programa Aprendiz Cooperativo, que o Sescop lançou em abril, abre oportunidade para que as cooperativas invistam na responsabilidade social. O objetivo é viabilizar a inserção de milhares de jovens brasileiros no mundo do trabalho e assegurar a formação de mão de obra de qualidade para o futuro.

O lançamento aconteceu durante o I Encontro de Coordenadores da Aprendizagem do Sescop, que reuniu, em Brasília, representantes de todas as unidades estaduais da instituição. Cada estado deverá desenvolver o programa a partir das próprias características e especificidades de suas cooperativas, porém de forma alinhada a uma diretriz sistêmica nacional.

“A intenção é preparar os aprendizes para uma atuação qualificada nas cooperativas. Isso vai ocorrer a partir de uma articulação entre teoria e prática, com uso de conhecimentos e habilidades que potencializem esse desempenho”, explica Márcio Lopes de Freitas, presidente do Sistema OCB/Sescop.



BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP

ISMAEL LISBOA
conselheiro Nacional
do Sescop

“O Sistema ‘S’ como um todo tem responsabilidade na formação da juventude para o mercado do trabalho.”

Representante do Ministério do Trabalho e Emprego no Conselho Nacional do Sescop, Ismael Lisboa afirma que oferecer formação técnica e profissional aos jovens é uma das grandes funções das entidades do Sistema “S”. “Claro que a lei é importante, pois cria a necessidade de realização dos cursos, mas o fator principal que temos de observar é a responsabilidade que o sistema como um todo tem para a formação da juventude e sua preparação para o mercado do trabalho.”

Lisboa acrescenta que essa é uma missão ainda mais importante quando o assunto é cooperativismo. “O cooperativismo tem essa responsabilidade

ampliada, pois sua consolidação como filosofia de igualdade de direitos está intimamente ligada à preparação dos jovens que, no futuro, serão os novos líderes do segmento”, observa o conselheiro do Sescop.

Desenvolvimento coletivo

A elaboração do Jovem Aprendiz foi feita por um Comitê de Sistematização de Aprendizagem, que contou com a participação de representantes da Unidade Nacional e de sete Unidades Estaduais do Sescop. Segundo Andréa Sayar, gerente de Formação do Sescop, o objetivo foi garantir uma construção coletiva para o programa, que abrangesse a realidade cooperativista de todas as regiões do país. “O trabalho de desenvolvimento, até o lançamento do programa, teve duração de um ano. Tivemos o cuidado de, a cada etapa, encaminhar as informações para todos os estados apreciarem e proporem melhorias nas diretrizes e grades curriculares”, afirma.

Andréa explica que o resultado desse trabalho é um programa plenamente alinhado aos princípios e doutrinas do cooperativismo. “A formação e a educação são dois princípios muito importantes para o setor. Outro é o interesse pela comunidade. Portanto, à medida que induzimos a cooperativa a trabalhar com o aprendiz, que *a priori* está solto na sociedade e sem perspectivas no mercado de trabalho, estamos cumprindo os objetivos fundamentais do cooperativismo.”



BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP

ANDRÉA SAYAR
gerente de Formação do
Sescop

“A formação e a educação são dois princípios muito importantes para o setor.”

Grade curricular

Conforme mencionado pelo presidente do Sescop, o programa Jovem Aprendiz contempla teoria e prática, concomitantemente. Os participantes serão estimulados a desenvolver seus potenciais humano, social, cultural e profissional. A ideia é que, encerrado o contrato, o jovem esteja capacitado tanto para atuar na própria cooperativa quanto em outras empresas.

A grade curricular atende aos requisitos previstos em lei, porém enfatizando os aspectos da cidadania e do cooperativismo. Ou seja, o aprendiz irá ter acesso aos conteúdos que seriam trabalhados pelos outros serviços nacionais de aprendizagem e, além disso, agregar conhecimentos específicos do setor cooperativista.

Andréa Sayar lembra que o processo de implantação do programa Jovem Aprendiz demandará uma forte parceria entre o Sescop e as cooperativas de todo o país. “Claro que essa parceria já existe, nossas unidades mantêm uma atuação muito próxima das cooperativas em todos os estados. Mas o fato de a aprendizagem ser ainda uma temática nova para o setor, obrigará o estreitamento dessa relação.”

A gerente de formação observa que caberá às cooperativas fornecer informações quanto ao número de empregados e os

BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP



O programa foi lançado no auditório da OCB/Sescop em Brasília

Os estabelecimentos de qualquer natureza são obrigados a empregar e matricular nos cursos dos Serviços Nacionais de Aprendizagem número de aprendizes equivalente a cinco por cento, no mínimo, e quinze por cento, no máximo, dos trabalhadores existentes em cada estabelecimento, cujas funções demandem formação profissional.

Art. 429 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT

cargos existentes em seus respectivos quadros, para que o Sescoop possa calcular as cotas de aprendiz necessárias em cada organização. “Nós teremos, tanto em termos institucionais quanto regimentais, a função de ajudar as cooperativas a cumprir a legislação, dando oportunidade aos jovens de se inserirem no mundo do trabalho. Seremos efetivamente um órgão de apoio às cooperativas”, observa.

A partir do lançamento nacional do Aprendiz Cooperativo, as unidades estaduais do Sescoop iniciam a etapa de sensibilização das cooperativas para a importância da efetivação do programa, por meio de visitas, palestras e outras ações. A seguir será feito um trabalho mais individualizado, para cálculo das cotas que cada estabelecimento deverá cumprir, bem como a estrutura a ser providenciada.

Nas cidades do interior serão firmadas parcerias com outras instituições para que todo o universo de cooperativas brasileiras possa ser atendido. Nesse caso, haverá a contratação e a preparação de professores para ministrar a parte teórica, e será estabelecida uma dinâmica de acompanhamento e monitoramento do jovem dentro da co-

operativa, sempre com o propósito de evitar que o aprendiz se torne uma mão de obra barata, mas que efetivamente esteja inserido num processo de formação técnico-profissional.

Receptividade positiva

Os participantes do I Encontro de Coordenadores da Aprendizagem do Sescoop comemoraram o lançamento do programa Aprendiz Cooperativo. De modo geral, a opinião é que, a partir da definição de um direcionamento estratégico nacional, as unidades estaduais poderão contribuir de forma mais efetiva para que as cooperativas de suas respectivas localidades promovam formação técnico-profissional para a juventude.

Na opinião de Alexandre Rodrigues, superintendente do Sescoop/Rondônia, o programa cumpre uma função esclarecedora: “É como se antes estivéssemos em um túnel escuro, sabendo que tínhamos um compromisso a cumprir, porém sem termos um norte. Faltavam as orientações técnicas, pedagógicas e jurídicas. Hoje esse túnel está iluminado, sabemos que rumo tomar. Isso nos deixa mais seguros para decidir, e, conseqüentemente, nossas cooperativas também terão mais segurança”, analisa.

Para Carlos Bastos, diretor do Sescoop/Acre e conselheiro da Organização das Cooperativas do estado, por ser uma instituição de abrangência nacional, o Sescoop precisa funcionar de fato como um Sistema. “Embora cada unidade deva manter a sua identidade, principalmente nesse programa, que é uma obrigação legal e que tem um aspecto social muito importante, é imprescindível que haja uma sistematização nacional, uma diretriz a ser seguida por todos os estados”, aponta Bastos.

Outro que elogiou o lançamento do Jovem Aprendiz foi Cauby Pita, do Sescoop/PB: “Considero muito importante, pois irá contribuir para a nossa identidade. Até hoje poucos estados faziam programas de aprendizagem, e com essa orientação e definição de conteúdo poderemos expandir essa prática para todo o país.”

O superintendente do Sescoop/Mato Grosso, Adair Mazzotti, lembrou que sua unidade já tem um programa de aprendizagem implementado desde 2008, porém viabilizado por meio de parcerias com outras instituições. “Não tínhamos condições de desenvolver, no estado, um programa próprio. Mas agora, com essas diretrizes norteadoras nacionais e a possibilidade de entrega, num curto prazo, de um programa unificado, temos ajuda para pensar e desenvolver diretamente essas ações.”

Segundo Mazzotti, a experiência mato-grossense mostra que é preciso sensibilizar as cooperativas para a importância da aprendizagem profissional. “Sempre a primeira reação que os dirigentes têm é que isso é um custo a mais, por isso a

tendência de protelar o cumprimento da lei. Então buscamos demonstrar que é preciso fazer do limão uma limonada, ou seja, fazer dessa oportunidade uma fonte de qualificação de mão de obra. Principalmente no interior, é difícil encontrar mão de obra qualificada. Essa é a tônica da discussão que estamos fazendo com as cooperativas locais”, esclarece.

Presidente da Central Rede Transporte e conselheiro da Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul, Abel Moreira Paré, destaca que o setor cooperativista oferece vantagens importantes, no que diz respeito à inserção de aprendizes em suas organizações. “A cultura de fomento à educação é algo muito forte no cooperativismo. Creio que as cooperativas vão acolher muito bem esse programa, porque elas já são um ambiente de construção de aprendizado e conhecimento e são sensíveis ao desenvolvimento das pessoas. Embora precisem ser competitivas, as cooperativas têm uma prioridade no desenvolvimento humano, e isso passa necessariamente pela instrução, pela qualificação e pela formação de talentos”, afirma Paré.

BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP



Representantes das unidades estaduais do Sescoop discutem as diretrizes do programa Aprendiz Cooperativo

Órgãos fiscalizadores defendem cumprimento da lei com responsabilidade social

Legal e socialmente
responsável

Durante o lançamento do programa Aprendiz Cooperativo, em Brasília, dois representantes de órgãos fiscalizadores foram convidados a fazer palestras aos representantes das unidades estaduais do SESCOOP. João Cortes, auditor da Secretaria Regional do Trabalho e Emprego do Distrito Federal (SRTE-DF), e Mariane Josviak, procuradora do Ministério Público do Trabalho do Estado do Paraná, orientaram e tiraram dúvidas dos presentes quanto aos contratos de aprendizagem a serem firmados pelas cooperativas. Além disso, ambos

fizeram questão de salientar os aspectos sociais da formação técnico-profissional da juventude.

João Cortes fez uma explanação sobre as leis que regulam a aprendizagem profissional no Brasil. Ele lembrou que a norma básica a ser seguida é a Constituição Federal, e que a obrigatoriedade de contratação de aprendizes está descrita na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Destacou que o contrato de trabalho do aprendiz é especial, com duração máxima de dois anos, e citou que o jovem faz jus a itens como

salário mínimo/hora, vale-transporte, férias e FGTS. Frisou, ainda, que aos menores de 18 anos estão assegurados todos os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Com relação ao caráter social da aprendizagem, o auditor ponderou que é preciso dar ao jovem um tratamento



BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP

JOÃO CORTES
auditor da SRTE/DF

“Precisamos abraçar o aprendiz, mas também exigir responsabilidade dele, sem paternalismo.”

A legislação da aprendizagem no Brasil

A Constituição Federal proíbe a presença de menores de 16 anos no mercado de trabalho, a não ser como aprendizes. De acordo com o texto constitucional, a partir dos 14 anos de idade, os jovens já podem ser contratados nessa condição. Esse direito também está garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que considera aprendizagem “a formação técnico-profissional ministrada, segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor”.

De acordo com as normas vigentes, os estabelecimentos de qualquer natureza devem empregar e matricular, nos cursos dos Serviços Nacionais de Aprendizagem, aprendizes num percentual entre 5% e 15% de seus trabalhadores, consideradas as funções que exijam formação profissional.

O contrato de aprendizagem deve ser ajustado por escrito, e com prazo determinado, entre o empregador e o adolescente/jovem entre 14 e 24 anos de idade. Se o aprendiz ainda não tiver concluído o ensino médio, é obrigatório que ele esteja matriculado e frequentando a escola. No contrato devem estar expressos, entre outros pontos, as jornadas diária e semanal de trabalho, bem como a remuneração mensal do aprendiz.

Historicamente regulamentada pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a aprendizagem no Brasil passou por mo-

dernizações com as leis 10.097, do ano 2000; 11.180, de 2005; 11.788, de 2008; e ainda pelo Decreto 5.598, de 1º de dezembro de 2005.

Todas as informações necessárias sobre o tema foram reunidas pelo Ministério do Trabalho e Emprego no “Manual da Aprendizagem – O que é preciso saber para contratar o aprendiz”, cujo conteúdo pode ser acessado pelo seguinte endereço eletrônico:

http://www.mte.gov.br/politicas_juventude/aprendizagem_pub_manual_aprendiz_2009.pdf.

Na apresentação do Manual, o ministro Carlos Lupi ressaltou a importância da aprendizagem profissional: “A formação técnico-profissional de adolescentes e jovens amplia as possibilidades de inserção no mercado de trabalho e torna mais promissor o futuro da nova geração. O empresário, por sua vez, além de cumprir sua função social, contribuirá para a formação de um profissional mais capacitado para as atuais exigências do mercado de trabalho e com visão mais ampla da própria sociedade. Mais que uma obrigação legal, portanto, a aprendizagem é uma ação de responsabilidade social e um importante fator de promoção da cidadania, redundando, em última análise, numa melhor produtividade”, enfatizou o ministro do Trabalho e Emprego.

diferenciado no momento em que ele ingressar na empresa. “Em geral, os aprendizes já nascem em uma situação de desvantagem social. Por isso deve-se trabalhar o lado educacional e fazer um acompanhamento psicológico, pois trata-se do seu primeiro contato com o mundo do trabalho.”

Segundo Cortes, frequentemente é necessário ensinar coisas básicas aos aprendizes, como hierarquia, higiene pessoal e até como se vestir. “Não dá para simplesmente jogá-lo na empresa. Precisamos abraçá-lo, mas também exigir responsabilidade dele, sem paternalismo.” Ele acrescentou ainda a necessidade de manutenção da frequência escolar: “Sem a escola não há aprendizagem. O aprendiz não pode ser reprovado”, concluiu o auditor da SRET-DF.

Procuradoria do Trabalho

Em sua mensagem, a procuradora Mariane Josviak também focou a importância legal da aprendizagem, mas

igualmente destacou o viés social. Ela salientou que as atividades práticas devem estar convergentes com os conteúdos teóricos, e reiterou o papel do Sescoop nesse sentido. “É o Sescoop que vai realizar os cursos em cada uma das suas unidades estaduais, a fim de que possam ser ofertadas vagas para que os aprendizes possam participar da prática nas empresas”, disse.

A procuradora do Trabalho disse também que, apesar de se tratar de uma obrigatoriedade em todo o território nacional, muitas médias e grandes empresas ainda não têm aprendizes contratados. “É fundamental dar essa oportunidade aos adolescentes e aos jovens, para que possam ser aprendizes, ter acesso à profissionalização, observando a prioridade absoluta que consta do artigo 227 da Constituição Federal, de garantir a esse público o direito à alimentação, à saúde, à escolarização, à vida, à dignidade. Essa é uma obrigação da família, da sociedade e do Estado”, finalizou.

BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP



Representantes das unidades estaduais do Sescoop discutem as diretrizes do programa Aprendiz Cooperativo

Mariane Josviak, procuradora do Ministério Público do Trabalho



BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP

Quais os principais cuidados a serem observados na contratação do jovem aprendiz?

Com relação à parte teórica, a instituição qualificadora deve observar como os jovens estão inseridos na empresa, monitorar se suas atividades práticas têm relação com os conteúdos teóricos e se os aprendizes estão frequentando a escola. Esses são alguns dos cuidados importantes a tomar. Já as empresas devem ter a percepção de que, para muitos desses jovens, trata-se do primeiro emprego. Eles estão sendo iniciados no mundo do trabalho. Por isso são figuras diferenciadas, e não empregados comuns. É preciso que o aprendiz faça atividades relacionadas ao curso que ele estuda, que a prática esteja sempre vinculada à teoria.

Na sua experiência como procuradora do Trabalho, quais as ocorrências mais frequentes no que diz respeito a erros nessas contratações?

Às vezes o jovem é alocado em funções apenas para cumprir a cota legal de aprendizagem. Eu já vi caso de uma empresa que colocou o aprendiz virado para a parede, sem nada para ele fazer. E não é nada disso. É preciso entender o caráter social dessa norma. Nós, como sociedade, precisamos olhar para essa enorme coletividade de jovens que, muitas vezes, está querendo entrar no mundo do trabalho e encontra dificuldades. O desemprego ainda é muito grande nessa faixa etária, e existe uma importância enorme de esse jovem ter seu primeiro emprego, o primeiro salário, ser profissionalizado. Trata-se de um investimento que se faz na sociedade, mas nós temos um pouco de dificuldade, porque nos acostumamos a investir apenas no retorno imediato. Por isso é fundamental que o empresário entenda que, ao contratar um jovem aprendiz, ele está formando um profissional para o futuro. Então o grande

erro é enxergar o aprendiz como um fardo. A lei brasileira tem sido copiada por vários países; temos uma legislação muito boa – cabe agora aplicá-la.

Em que medida as características inerentes ao cooperativismo são um diferencial para implantação de um programa de aprendizagem?

Esta é uma vantagem importante. Entre os princípios do cooperativismo, está o investimento em educação e também o olhar social sobre o negócio em si. Dessa forma, nossa expectativa é que as cooperativas sigam esses propósitos também com relação a esse novo programa lançado pelo Sescoop. A solidariedade social está intrínseca ao cooperativismo, então entendo que o Jovem Aprendiz tem um campo profícuo dentro do cooperativismo.

A contratação de aprendizes é uma determinação legal, porém os órgãos fiscalizadores têm manifestado uma grande preocupação social ao discorrer sobre o tema. Por que enfatizar esse aspecto?

Caso seja necessário, o cumprimento da obrigação legal será sempre cobrado pela fiscalização. Mas, primeiro, consideramos importante conscientizar as instituições envolvidas sobre o caráter social da aprendizagem, e não abordar só a obrigatoriedade. Essa abordagem mais humanizada é no sentido de que as pessoas percebam que podem fazer a diferença socialmente, e não só tratar a aprendizagem como uma obrigação legal a cumprir. Ou seja, pode ser uma forma de aprendizado para todo mundo que faz parte do processo. É uma chance de crescimento para os jovens, mas também para os empresários, os tutores dentro da empresa, os monitores dos cursos, para todos, enfim.

Unidades do Sescop de São Paulo e Paraná apresentam experiências bem-sucedidas em seus programas de formação de aprendizes



Pioneirismo na aprendizagem cooperativista

Situada no oeste do Paraná, a 550 quilômetros da capital, Curitiba, Cafelândia tem cerca de 16 mil habitantes e um desafio comum à maioria das pequenas cidades brasileiras: oferecer postos de trabalho para sua juventude. Para muitos dos jovens moradores, a alternativa é buscar oportunidades em outros municípios do estado.

Aos 20 anos de idade, Marcelo Zonta é uma das exceções a essa regra. Em

2007, ele foi contratado como aprendiz na Copacol, cooperativa da área de alimentos, que exporta produtos para mais de 25 países. Hoje, efetivado, Marcelo é auxiliar de Recursos Humanos da empresa. “Eu tinha 17 anos e nunca havia trabalhado. Foi como aprendiz que tive minha primeira experiência profissional, concluí o ensino médio e aprendi tudo o que sei até agora. Realmente foi uma oportunidade muito importante para mim”, exalta.



BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP

VANESSA CHRISTÓFOLI
analista de Desenvolvimento Humano do Sescop/PR

“Era preciso propiciar à população jovem a chance de se capacitar profissionalmente.”

Marcelo participou do programa de aprendizagem profissional do Sescop/PR, uma das unidades estaduais, que já desenvolviam ações do tipo, antes mesmo do lançamento do programa nacional. Hoje ele está no último ano da faculdade de Administração, e diz que uma das maiores lições que teve como aprendiz foi de que o crescimento profissional exige estudo e disciplina. “Quero chegar longe na minha carreira, crescer, e para isso tenho de estudar e ter responsabilidade. Foi no programa que eu aprendi que é preciso escalar cada degrau para chegarmos ao ponto em que desejamos”, ensina o ex-aprendiz.

Vanessa Christófoli, analista de Desenvolvimento Humano do Sescop/PR e coordenadora do programa de aprendizagem estadual, diz que a experiência teve início em 2006, e que na época foi preciso sensibilizar as cooperativas para aderirem ao projeto. “Conversamos com os cooperativistas para que eles entendessem que, muito mais do que simplesmente atender à lei, era preciso propiciar à população jovem do seu município a chance de se capacitar profissionalmente, sempre complementando teoria e prática, como determina a legislação, e propiciando aos participantes o exercício pleno de cidadania” lembra.

O programa do Sescop paranaense conta, hoje, com 30 cooperativas parceiras em 11 municípios do estado, e atende um total de 482 alunos aprendizes nas áreas administrativa e industrial do setor de alimentos.

Na opinião de Valdeci Aparecido de Oliveira, coordenador do programa de aprendizagem na Copacol, a ação desenvolvida pelo Sescop/PR mostra o acerto de abrir as portas do mundo do trabalho para os jovens. “Para a cooperativa é interessante, porque ela está cumprindo o que a lei determina. Nós não tratamos esse programa, no entanto, apenas como uma obrigação legal, mas como algo de responsabilidade social. Preparamos o jovem para que, quando ele conclua a aprendizagem, possa trabalhar aqui ou em outro lugar.”



BANCO DE IMAGENS COPACOL

MARCELO ZONTA
ex-aprendiz da Copacol/PR

“Foi como aprendiz que tive minha primeira experiência profissional e aprendi tudo o que sei até agora.”



VALDECI APARECIDO DE OLIVEIRA
coordenador de
Aprendizagem da Copacol/PR

“Não tratamos esse programa apenas como uma obrigação legal, mas como algo de responsabilidade social.”

Segundo Valdeci, desde o início da parceria com o Sescop já foram formadas quatro turmas de aprendizes na cooperativa, em um total de 80 jovens beneficiados. “Em torno de 60% deles foram contratados por nós mesmos. Os que não permaneceram conosco, por um motivo ou outro, estão bem colocados em outros locais. São ótimos profissionais”, diz o coordenador. “Hoje, temos duas turmas com 65 aprendizes na faixa entre 15 e 18 anos. Os jovens da nossa cidade enxergam o programa como uma grande oportunidade”, completa.

São Paulo

Outro estado pioneiro na área de aprendizagem cooperativa foi São Paulo. Lá o programa começou a ser discutido em 2005, quando o Ministério do Trabalho passou a pressionar as cooperativas para que cumprissem as cotas legais. “Era uma necessidade no estado, então iniciamos o desenvolvimento do projeto pedagógico e da grade curricular, e depois mostramos às famílias e às cooperativas como se daria esse processo educativo. Trabalhamos em cima do que a lei pedia, mas priorizamos a realidade das cooperativas; esse foi o eixo central. Em 2008 implantamos o programa”, recorda Maria Ester Duarte, coordenadora de Ensino do Sescop/SP.



MARIA ESTER DUARTE
coordenadora de Ensino do
Sescop/SP

“Queríamos disseminar os princípios e o comportamento cooperativo em sala de aula.”

Ester explica que, desde o início, o Sescop buscou trabalhar com uma equipe própria, de professores, de modo a garantir que os valores do cooperativismo estivessem intrínsecos ao conteúdo programático. “Queríamos disseminar entre os jovens essa relação do cooperativismo, não só em termos de doutrina e valores, mas esse comportamento cooperativo em sala de aula. Ter uma equipe pedagógica própria do Sescop possibilitou que isso acontecesse”, frisa a coordenadora.

Os resultados demonstram que a decisão foi acertada. O índice de jovens contratados pelas próprias cooperativas, após encerrada a fase de aprendizagem, fala por si. “Duas cooperativas participaram da primeira turma do programa, uma com seis jovens e outra com doze. A primeira efetivou todos os seis aprendizes; a segunda, dez. E até hoje todos eles permanecem lá. São bons empregados e continuam a se desenvolver” atesta Jaciara Barbosa de Oliveira, orientadora educacional do Sescop/SP.

Natália Cardoso Pereira, hoje com 18 anos, é um exemplo da boa formação técnico-profissional cooperativista. Aos 16, ela ingressou como aprendiz na Cooperativa de Economia e Crédi-



JACIARA BARBOSA
orientadora educacional do
Sescop/SP

“A primeira cooperativa participante do programa efetivou todos os seis aprendizes.”

to Mútuo dos Empregados e Servidores das Empresas de Saneamento do Estado de São Paulo - Cecres. Hoje, é estagiária e está em via de ser efetivada como funcionária da cooperativa.

“No início fiquei meio assustada. Eu moro em Cotia e a Cecres fica na República, centro de São Paulo. Levo duas horas para chegar ao trabalho. Além disso, era muito tímida e entrei direto no atendimento, recebendo os cooperados, tirando suas dúvidas pessoalmente e por telefone, preenchendo e dando encaminhamento às propostas de empréstimo, entre outras tarefas. Mas depois achei muito legal a experiência”, alegre-se Natália, que hoje cursa a faculdade de Ciências Atuariais.

De acordo com Clélia Maria Soares Ronzino, analista de Recursos Humanos da Cecres, a participação no programa de aprendizagem tem sido importante para a cooperativa. “Abraçamos a ideia, pois era um projeto extremamente favorável tanto para o jovem quanto para nós. Sempre trabalhamos para valorizar as pessoas e manter os nossos talentos, e essa foi uma grande oportunidade que encontramos para formar um profissional desde o seu primeiro dia de trabalho.”

Clélia faz questão de elogiar a seriedade com que o Sescop conduz o processo de

aprendizagem profissional. “O Sescop realmente trabalha com o controle de presença do jovem, acompanha suas atividades na cooperativa, nos dá retorno a respeito do próprio curso teórico que oferece aos aprendizes. Tem muito cuidado e faz o máximo para trabalhar da melhor maneira possível o potencial do jovem”, observa a analista de RH.

Para os jovens participantes, os benefícios da aprendizagem profissional extrapolam a esfera do trabalho. Os impactos positivos ocorrem nas diferentes esferas de sua vida, com a elevação da autoestima e a melhoria das relações sociais e familiares.

Auxiliar de Recursos Humanos na Federação das Unimed de São Paulo (Fesp), Erika Maria dos Santos ingressou na entidade como aprendiz, em 2008. Até então, ela nunca havia traba-



ERIKA MARIA DOS SANTOS
ex-aprendiz da Fesp/SP

“Participar do programa de aprendizagem foi importante para minha vida profissional e também para minha relação familiar.”

lhado, e durante o tempo de duração do contrato teve a oportunidade de passar por diferentes departamentos da instituição. Ela diz ter se encontrado profissionalmente na área de recrutamento e seleção, na qual está até hoje, e foi isso que a levou a se decidir pelo curso superior de Psicologia.

Erika destaca, no entanto, que uma das grandes contribuições do programa não foi exatamente no campo profissional. “Eu não tinha uma relação muito próxima com o meu pai, ele era uma pessoa muito calada. Um dia, o Sescoop promoveu um encontro de famílias, e para minha surpresa meu pai se destacou. Ele falou muitas coisas bacanas sobre mim. No questionário que respondi ao final do contrato, disse que isso valeu muito a pena. Lá em casa nós conversamos sobre esse encontro até hoje”, conta.

O consultor interno de Recursos Humanos da Fesp, Luiz Gustavo Garcia de Almeida, acrescenta que a parceria com o Sescoop já se consolidou como uma boa prática dentro da instituição. “Os jovens chegam aqui sem nenhuma formação, e o Sescoop vai moldando o curso ao que nós precisamos. O cooperativismo é algo ainda pouco divulgado no Brasil, por isso é importante essa formação, para que o jovem entenda como funciona o setor, seus princípios e benefícios. Há, entre nossos gestores, uma cultura de muita aceitação para a contratação de aprendizes”, garante o consultor.

Em média, 68 jovens já foram formados na aprendizagem do Sescoop/SP. Atualmente 149 aprendizes estão incluídos no programa próprio da instituição, divididos em sete turmas – quatro na capital e três em Santo André, na grande São Paulo. Nos municípios do interior



BANKO DE IMAGEM FESP/SP

LUIZ GUSTAVO GARCIA
consultor de RH da Fesp/SP

“Na Federação das UnimedS há uma cultura de muita aceitação para contratação de aprendizes.”

foi estabelecida, para a formação teórica, uma parceria com o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE).

Vale lembrar que, assim como São Paulo e Paraná, outras unidades do Sescoop já haviam iniciado ações individuais de aprendizagem nas cooperativas de suas respectivas áreas de atuação. Porém com o lançamento do programa Aprendiz Cooperativo, de abrangência nacional, a prática da formação técnico-profissional focada no cooperativismo poderá ser ampliada e levada a todos os pontos do país. Dessa forma, do mesmo modo como já aconteceu com Marcelo, Erika, Natália e tantos outros jovens, um número cada vez maior de brasileiros poderá, finalmente, ter a sua oportunidade de inserção no mundo do trabalho.



FOTO: Leonardo Brandão

Organização e conhecimento

Unidades estaduais do Sescoop usam recursos do Fundecoop para fomentar o cooperativismo nas diferentes regiões brasileiras. No Tocantins, as verbas têm possibilitado a organização do quadro social de cooperativas. Na Bahia, destaque para a qualificação de professores em educação cooperativista

Federação das UnimedS de São Paulo

O Fundo Solidário de Desenvolvimento Cooperativo (Fundecoop) foi instituído com o objetivo de apoiar ações em benefício das cooperativas e de seus integrantes. Os recursos, correspondentes a 20% da receita líquida do SESCOOP, são direcionados a projetos que atendam a esse propósito em todo o país. Desde 2006, quando foi disciplinado, o fundo contribuiu para viabilizar várias iniciativas de desenvolvimento do cooperativismo promovidas pelas unidades estaduais do SESCOOP.

A partir desta edição, a Revista Saber Cooperar publica exemplos de sucesso na aplicação desses recursos. Neste número, são destacados projetos nos estados da Bahia e do Tocantins. O primeiro tem como foco a capacitação de professores para que eles possam disseminar os princípios cooperativistas no ambiente escolar. Já o segundo destina-se à organização do quadro social das cooperativas, de forma a ampliar a integração entre elas e seus cooperados.

O exemplo do SESCOOP-Bahia é o projeto **Formação de Professores em Educação Cooperativista**, que oferece à comunidade docente de municípios do

MARIA ANDRÉIA DE CARVALHO
diretora do IFA-Técnico

“A filosofia do cooperativismo sempre contribuiu para o crescimento de muitas pessoas e regiões.”

sul do estado conhecimentos pedagógicos acerca do cooperativismo. A ideia é que os participantes estejam capacitados a transmitir para seus alunos os valores e a filosofia inerentes ao setor.

O projeto surgiu em Teixeira de Freitas (BA) a partir de demanda feita pelo Sicoob Extremo Sul ao Instituto Francisco de Assis Técnico (IFA-Técnico). O objetivo era divulgar o cooperativismo à população local. “De imediato, pensamos em um curso voltado para o ambiente educacional no que se refere à educação básica, pois os currículos escolares, principalmente nas unidades de ensino público, não contemplam o cooperativismo como disciplina”, explica Maria Andréia Dutra de Carvalho, diretora do IFA-Técnico e uma das criadoras do projeto.

Comunidade docente participa, na Bahia, do projeto de Educação Cooperativista

“A filosofia cooperativista fez crescer em mim a vontade de ajudar os outros”

Selma Alves da Silva Santos é uma das participantes do projeto Formação de Professores em Educação Cooperativista no estado da Bahia



BANCO DE IMAGENS: ARQUIVO PESSOAL

“O Curso Educação Cooperativa, do qual participei, contribuiu muito para a minha vida e prática profissional. Por meio desse curso pude levar às crianças da Ong Aselias um pouco do que aprendi durante os meses em que estive participando do curso. Com o projeto Reciclando e Brincando na Ong, desenvolvemos oficinas pedagógicas pautadas em ações cooperativas que tinham como objetivo culminar na construção de objetos e brinquedos pedagógicos, utilizando como matéria-prima materiais recicláveis. Além disso, tanto nós, as facilitadoras, quanto os nossos alunos pudemos perceber a importância e a necessidade de preservar o meio ambiente.”

A filosofia cooperativista que nos foi passada e que transformou o nosso comportamento frente aos problemas e relacionamentos interpessoais, fez crescer em mim a vontade de, por meio da reciclagem, ajudar aos outros. Além disso, me possibilitou descobrir que posso ser empreendedora, uma vez que encontrei no artesanato uma fonte complementar de renda.

Na Expotec 2010, apresentei o artesanato confeccionado por mim e pelos alunos da Ong Aselias. Atualmente, continuo fazendo o trabalho voluntário, ensinando artesanato a partir de objetos recicláveis às mães dos alunos da Ong para que essas senhoras, assim como eu, vislumbrem novos caminhos e quem sabe... é um sonho... um dia podermos obter renda com o nosso trabalho e formar uma cooperativa. Acredito que entender o significado de palavras como solidariedade, cooperação e respeito ao próximo é tão importante quanto preservar a fauna e a flora, pois a nossa sobrevivência depende do equilíbrio do meio ambiente com as relações humanas.

Portanto, só tenho a agradecer aos idealizadores do curso Educação Cooperativa e a todos que se empenham em aplicá-lo, pois a grande mudança da sociedade só acontecerá se as pessoas estiverem dispostas a solucionar em conjunto os problemas sociais do nosso século.”

Selma Alves da Silva Santos
Artesã, monitora voluntária na ONG Aselias em Teixeira de Freitas





JUSSIARA LESSA CAIRES
gerente de Desenvolvimento Humano do Sescop/BA

“Além de divulgarmos o cooperativismo, formamos professores para nossos programas.”

Segundo ela, a proposta era preparar multiplicadores do cooperativismo visando ao desenvolvimento local. “Queríamos difundir a filosofia do cooperativismo de forma mais ampla, visto que essa filosofia já contribuiu e continua contribuindo para o crescimento econômico, pessoal e cultural de muitas pessoas e regiões”, afirma a diretora.

Uma vez colocada em prática essa estratégia, os primeiros resultados não demoraram a surgir. E logo o projeto foi expandido para professores de cidades vizinhas a Teixeira de Freitas. Foi nesse momento que o Sescop foi procurado para a formalização de uma parceria. O

objetivo era dar continuidade e ampliar o alcance da iniciativa. “Decidimos aderir porque, além de ser uma forma de divulgar o cooperativismo, foi também uma alternativa para sanar a carência de profissionais qualificados em educação cooperativista. E temos a necessidade de formar muitos professores para nossos programas”, observa Jussara Lessa Caires, gerente de Desenvolvimento Humano do Sescop-Bahia.

Jussara afirma que o projeto representa para o Sescop um instrumento importante para ampliar o cadastro de professores capazes de atuar em programas, como Jovens Lideranças, o Cooperjovem e o recém-lançado Aprendiz Cooperativo, bem como nos demais cursos promovidos pela instituição.

O projeto então foi adaptado às particularidades do Sescop e submetido à apreciação da Unidade Nacional, com a solicitação de que fossem liberados recursos do Fundecoop para sua execução. “Os recursos do fundo foram fundamentais, pois seria inviável cobrar qualquer mensalidade dos participantes. Queremos, agora, expandir o curso para outros municípios e regiões do estado. Infelizmente a Bahia ainda tem grande carência de profissionais que atuam como facilitadores, e a população em geral ainda desconhece o que é o cooperativismo”, analisa Jussara.

Desde que foi lançado, há cinco anos, o projeto Formação de Professores em Educação Cooperativista já formou 373 multiplicadores nas quatro turmas concluídas. Atualmente, encontra-se em andamento a primeira turma com a participação efetiva do Sescop. No total são 100 participantes, divididos em duas turmas, que se formam no final deste ano.

Recursos do Fundecoop viabilizam educação cooperativista para professores



MARIA JOSÉ OLIVEIRA
superintendente do Sescop/TO

“Decidimos desenvolver um projeto que ajudasse a aproximar cooperativas e cooperados.”

Tocantins

Fortalecer e desenvolver os quadros sociais das cooperativas para garantir maior conscientização, participação e comprometimento dos cooperados. Esse é objetivo do programa **Organização do Quadro Social - Elemento de Sustentação das Cooperativas do Tocantins**, que desde março de 2010, a unidade estadual do Sescop realiza com recursos do Fundo Solidário de Desenvolvimento Cooperativo.

A ideia partiu da constatação de que havia um distanciamento excessivo dos cooperados com relação às atividades e a administração de suas cooperativas. Uma realidade contrária a princípios importantes do cooperativismo, como o da gestão democrática, que prevê uma participação ativa dos associados na formulação de políticas e na tomada de decisões.

“Percebemos que era preciso uma mudança de comportamento, então decidimos desenvolver um projeto que ajudasse a aproximar cooperativas e cooperados”, diz Maria José Oliveira, superintendente do Sescop Tocantins. Ela explica que foram selecionadas seis cooperativas para fazer parte da iniciativa, e cada uma delas designou três pessoas para serem capacitadas e se tornarem

agentes multiplicadores das metodologias propostas.

O projeto abrange, entre outras ações, a sensibilização dos dirigentes quanto à importância de organizar o quadro social, o diagnóstico sobre a estrutura de cada cooperativa e o incentivo à criação de núcleos de associados. “Dividimos o projeto em oito módulos teóricos e algumas ações de campo que acompanhamos. Os multiplicadores vêm ao Sescop participar da parte teórica e depois voltam às suas cooperativas para colocar em prática com seu público”, detalha a superintendente.

Maria José salienta que a formação de núcleos femininos é uma das medidas adotadas com sucesso: “Os resultados obtidos nesses núcleos são fantásticos. Eles são compostos tanto por mulheres cooperadas quanto por esposas e filhas de cooperados. Na verdade, são elas que empurram o marido e o filho para participarem das atividades da cooperativa. Se o marido não vai a alguma reunião, a mulher vai. Hoje já temos três núcleos de mulheres formalizados”.

Uma das instituições convidadas a participar do projeto foi a Cooperativa



Educação Cooperativista já formou 373 multiplicadores nas quatro turmas concluídas

Agroindustrial do Tocantins (Coapa). Sediada em Pedro Afonso (TO), e originalmente formada por grandes produtores de soja. A cooperativa diversificou suas atividades no início do ano passado e ampliou seu quadro social estendendo o atendimento a agricultores familiares.

“O convite do Sescop chegou num bom momento. Precisávamos de uma ferramenta que trouxesse nosso cooperado para mais perto de nós, especialmente a partir do momento em que passamos a ter grupos de cooperados com características muito próprias”,

conta Maria Silvana Ramos, gerente geral da Coapa.

Segundo Silvana, ao participar das ações promovidas pelo projeto, os cooperados se tornam associados mais participativos. “Nas reuniões sempre levamos assuntos técnicos e também temas voltados à doutrina do cooperativismo. E lembramos que o cooperado tem de conhecer o estatuto para saber como funciona a cooperativa na qual ele está entrando”, afirma.

Como parte da formação para atuar no projeto, o intercâmbio com outros estados foi muito importante. Silvana relata

que ela e outros agentes multiplicadores tiveram a oportunidade de conhecer *in loco* as experiências de organização de quadro social nas cooperativas do Paraná e também a experiência das cooperativas do Rio Grande do Sul focadas em lideranças femininas.

“Os resultados são muito visíveis. Há cooperados nossos que nunca tinham ouvido falar em cooperativismo, não sabiam do que se tratava. Muitos moram em comunidades distantes, mas agora que vêm à cidade sempre passam na cooperativa, assistem a filmes e apresentações, participam de almoços, pegam livretos, fazem perguntas. Realmente o projeto nos aproximou de nossos associados”, comemora Silvana Ramos.



MARIA SILVANA RAMOS
gerente geral da Coapa/TO

“Precisávamos de uma ferramenta que trouxesse nosso cooperado para mais perto de nós.”

A gerente também destaca mudanças com o projeto do ponto de vista humano. Silvana relata que mudanças foram feitas no estatuto da cooperativa a fim de que mais produtores da agricultura familiar pudessem integrar o quadro social. “Nós ampliamos nossa atuação, levando benefícios, vantagens e qualificação para mais pessoas da comunidade”, diz.



Governo do Tocantins cria Diretoria de Cooperativismo

Entrevista: Ruitter Luiz Andrade Pádua, secretário de Agricultura do Tocantins e conselheiro do Sescop, nas Regiões Norte e Nordeste

Na última década, Palmas, no Tocantins apresentou um crescimento significativo. De acordo com o censo do IBGE, a população ficou 5,2% maior. Entre as providências tomadas pelo governo do estado para atender a população tocaninense está o investimento no cooperativismo. Em entrevista à Revista Saber Cooperar, o secretário de Agricultura de Tocantins e conselheiro do Sescop, Ruitter Luiz Andrade Pádua, explica que tem a missão de aumentar a participação das co-operativas na economia local.

Com o novo governo do Tocantins, houve realmente a decisão de investir mais no cooperativismo no estado?

Eu assumi a Secretaria de Agricultura de Tocantins e uma das recomendações que recebi foi a de que dispensasse atenção especial ao cooperativismo. Mais especificamente para o cooperativismo de crédito. Nós temos aqui o apoio incondicional do governo para que a gente possa realmente aumentar a participação do cooperativismo na economia do estado.

Qual a importância dessa medida para o Tocantins e quais os seus reflexos para a Região Norte do país?

Logicamente, isso vai desaguar em melhor qualidade de vida; melhorar o nosso IDH e o da região Norte como um todo. Aqui no

Tocantins, 75% dos produtores rurais são pequenos. O cooperativismo é fundamental para que essas pessoas possam ter melhores condições de vida. O que falta, no entanto, é um trabalho de conscientização ainda mais intenso sobre a importância do cooperativismo. Isso é o que a OCB e o Sescop-TO vêm procurando fazer há bastante tempo, e que devagar tem melhorado. Aliás, esse esforço para disseminar o cooperativismo tem sido a tônica de todas as unidades estaduais do Sescop.

Em pouco mais de quatro meses de gestão, que iniciativas já foram efetivamente adotadas no fomento ao cooperativismo?

No cooperativismo de crédito, em breve as cooperativas passarão a fazer o pagamento dos servidores públicos estaduais. Além disso, trabalhamos para que o plano de saúde dos funcionários permanesse no

sistema cooperativado. Estamos também abrindo novos postos de atendimento das cooperativas de crédito. Outra iniciativa interessante foi a criação, aqui na Secretaria de Agricultura, de uma diretoria de cooperativismo. Essa diretoria visa apoiar a OCB, o Sescop e as cooperativas, em busca de melhor desempenho das cooperativas.

Atualmente, qual a participação na economia de Tocantins?

Nós não temos aqui ainda um cooperativismo forte. Ainda é muito tímida a participação das cooperativas devido à herança de algumas experiências mal sucedidas no passado. Além da falta da cultura cooperativista, nós temos que superar esse trauma, e estamos trabalhando para isso. Acredito que é uma questão de tempo, principalmente pela ação bastante eficiente do Sescop e da OCB que desenvolvem um trabalho de muito respeito.

Pesquisa e cooperativismo integrados



Recém-criada, a Rede Brasileira de Pesquisadores em Cooperativismo apresenta os primeiros resultados

Um programa de mestrado em cooperativismo oferecido por três instituições de nível superior e com professores dessas universidades. Esse é um dos primeiros resultados da Rede Brasileira de Pesquisadores em Cooperativismo, criada em setembro do ano passado com o propósito de unificar, produzir e disseminar informações sobre as realidades do setor, não apenas no Brasil, mas também no exterior.

O mestrado, que segundo os planos da Rede deverá receber os alunos no mais tardar em 2013, contará com docentes da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Viçosa (UFV-MG) e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos-RS). As aulas acontecerão nos três *campi*.

O professor doutor Davi de Moura Costa, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão

Preto, da USP, esclarece que a pós-graduação será um curso profissionalizante em cooperativismo, com o foco na formação de professores e profissionais para atuar em organizações públicas ou privadas. “Podem trabalhar no governo, nas organizações das cooperativas nos estados ou nas próprias cooperativas, mas queremos que esses alunos terminem o programa pensando efetivamente em resolver os problemas das cooperativas, com uma visão teórica, mas apontando soluções práticas”, explicou.

Além do programa de mestrado, outra iniciativa da Rede Brasileira de Pesquisadores em Cooperativismo é um trabalho conjunto com o Sescop para que as cooperativas sejam estimuladas a oferecer vagas de estágio aos alunos interessados em atuar no setor. “Uma grande discussão nossa é que não adianta formar especialistas em cooperativas se essas pessoas não tiverem onde trabalhar e por isso migrarem



“Não adianta formar especialistas em cooperativas se eles tiverem de migrar para outras áreas.”

para outras áreas”, explica o professor. Segundo ele, o que tem acontecido é que profissionais que já foram ou estão sendo formados acabam não ficando no cooperativismo por falta de oportunidades.

A Rede

A criação da Rede é uma proposta antiga, mas que começou a ser efetivamente viabilizada em 2008, quando o Brasil sediou o Encontro Latino-Americano



Reunião da Rede Brasileira de Pesquisadores em Cooperativismo

de Pesquisadores em Cooperativismo. Nessa reunião, houve um cadastramento dos professores brasileiros que conduzem pesquisas na área, porém de maneira isolada, sem um intercâmbio. Veterano nessa linha de estudo, o professor doutor José Odelso Schneider, do Departamento de Ciências Sociais da Unisinos, afirma que a Rede é, justamente, uma tentativa de articular mais esses docentes, que ao longo da vida já vinham estudando o processo cooperativo, mas cada um fechado em seu núcleo, departamento ou universidade.

A troca regular de informações entre as pesquisas na linha do cooperativismo é uma preocupação do Sescoop. Em setembro de 2010 o 1º Encontro Bra-

sileiro de Pesquisadores em Cooperativismo (EBPC) reuniu em Brasília mais de cem especialistas na área. Ao final do encontro, ficou ainda mais evidente a necessidade de uma organização maior desses pesquisadores e docentes. “Temos de saber o que se produz em termos de conhecimento para o cooperativismo e ao mesmo tempo criar mecanismos para mobilizar e encorajar o desenvolvimento de novas linhas de pesquisa”, afirma Andréa Sayar, gerente de Formação do Sescoop. “Existe a necessidade de um conhecimento de vanguarda no que diz respeito ao cooperativismo, até mesmo para assegurar a longevidade do cooperativismo”, acrescenta.

Pioneirismo na formação sobre o cooperativismo em pós-graduação

O professor doutor José Odelso Schneider, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, está empolgado com a criação da Rede Brasileira de Pesquisadores em Cooperativismo. Ele acredita que tanto a academia quanto as cooperativas vão sair vitoriosas desse empreendimento. O entusiasmo tem, porém, uma razão muito peculiar: desde 1976 o docente participa do curso de formação sobre o cooperativismo na Unisinos, em nível de pós-graduação *lato sensu*. Trata-se do primeiro curso no Brasil com esse formato.

Schneider conta que percebeu a necessidade de um programa como esse, porque as cooperativas, naquela época, começaram a ter outro perfil e a ganhar uma

dimensão mais empresarial. “Até então, eram cooperativas agrícolas mistas, que faziam de tudo um pouco e passaram a se especializar e aumentar sua produção”, recorda. “O problema é que não havia no mercado profissionais que atendessem a essa necessidade. Eram técnicos de nível superior, nas mais diversas áreas, mas que quase nada sabiam concretamente sobre o que de fato era a cooperativa na qual trabalhavam.”

A 31ª turma do curso será aberta no segundo semestre deste ano, e contemplará as mudanças ocorridas no perfil do programa ao longo do tempo. “Até 1990, o curso estava desenhado para atender especificamente o público ligado às cooperativas agropecuárias e de crédito

Integração

Um levantamento feito pela Rede Brasileira mostrou que há hoje, no país, cerca de 185 centros de ensino superior que, de uma forma ou de outra, trabalham com a temática do cooperativismo. Um desafio para os próximos anos é, portanto, agregar mais pesquisadores nesse esforço de integração. Para isso, segundo o professor Davi de Moura Costa, são duas as principais dificuldades a ser transpostas. A primeira é organizar o tempo dos pesquisadores, que estão às voltas com seus estudos dentro das próprias universidades; e a outra é quebrar a resistência que as cooperativas têm em disponibilizar suas informações.

O professor da USP enfatiza que essas informações são fundamentais para o



BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP

JOSÉ ODELSON SCHNEIDER
professor da Unisinos

“A Rede é uma tentativa de articular mais os docentes que estudam o processo cooperativo.”

trabalho de pesquisa. “Nós só conseguimos fazer pesquisa de qualidade se tivermos os dados – e conseguir dados de cooperativas ainda é um desafio”, observou. Ainda de acordo com Costa, essa situação é bem particular do Brasil, uma vez que em outros países, como os Estados Unidos, é forte a proximidade entre academia e cooperativas, e o resultado é um quadro de pesquisa

agrícola, que era o mais interessado. Fizemos uma reestruturação da proposta para incluir mais disciplinas de modo a abranger a demanda das cooperativas urbanas”, contou o professor.

Com a nova estrutura curricular, mudou o perfil dos alunos e também mudaram suas regiões de origem. Se antes eram principalmente dos estados do sul do país, hoje aumentou muito a procura por parte de estudantes de outras localidades. De acordo com o professor, chegaram alunos de todas as regiões, inclusive de estados mais distantes, como Amazonas e Pará.

José Odelso Schneider lembra que outras universidades do país se inspiraram na experiência da Unisinos e passaram a ofertar cursos semelhantes. Ele afirma

também que o reflexo dessa iniciativa nas cooperativas é muito bom, uma vez que vários desses ex-alunos passaram a ocupar postos-chave nas empresas do setor. “Nós queríamos que eles, ao saírem do curso, tivessem uma cultura cooperativa maior, retornando às suas cooperativas para ir melhorando e qualificando o próprio trabalho cooperativo nessas organizações. Nesse sentido, em grande parte os cursos cumpriram com essa finalidade.”

O professor da Unisinos, pioneiro na pós-graduação cooperativista no país, acrescenta ainda a importância da disseminação desse conhecimento, já que muitos dos que passaram pelos cursos promoveram nas suas cidades iniciativas de formação parecidas, voltadas para o público local.

“pujante”. Para ele, é preciso quebrar esse círculo vicioso de os estudos não serem feitos por ausência de dados, e estabelecer um círculo virtuoso, com as informações chegando aos pesquisadores.

O professor José Odelso Schneider faz coro. Ele explica que a união de esforços para incrementar no Brasil as pesquisas científicas na linha do cooperativismo é uma situação que beneficiará a todos. “Acho que temos muito a ganhar, no sentido de fazer ver que uma andorinha só não faz verão. Muitas andorinhas juntas é que fazem o verão. As cooperativas perceberão, graças à Rede, a importância e a riqueza desse intercâmbio, e com essa interação irão se aprimorar cada vez mais”, diz.

Schneider salienta que a Rede está preocupada em disseminar o conhecimento e de uma forma horizontal – todos recebendo os mesmos dados. Desta forma, uma cooperativa que está em um canto do país, e que usar uma experiência adquirida graças à Rede,

poderá repercutir esse conhecimento para outra ponta.

A gerente de Formação do Sescop aponta outro ponto positivo que a Rede Brasileira de Pesquisadores em Cooperativismo vai promover para o setor. Segundo Andréa Sayar, atualmente os cursos de Economia, Administração, Sociologia e Veterinária, por exemplo, não têm em sua grade curricular a disciplina Cooperativismo. A consequência é que não são formados profissionais para atuar em um tipo de organização com características tão peculiares, como são as cooperativas.

Andréa destaca que um foco pragmático esperado a partir dessa Rede é levar, de fato, o cooperativismo como disciplina oficializada para essas escolas. “Com isso vamos garantir a formação de pessoas, não apenas para um mercado tradicional, mas para um tipo de organização toda especial na sua forma de processo decisório, na sua forma de interação com o mercado e com a sociedade”, conclui.

BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP



Pesquisadores se reúnem para estudar e debater o cooperativismo

Observatório do Cooperativismo

Conteúdos acadêmicos e informações diversas sobre o cooperativismo divulgados na rede mundial de computadores

Um portal na internet que reúne as publicações, as pesquisas, os cursos, além de diversas outras informações sobre o setor cooperativista. É assim o Observatório do Cooperativismo, resultado de um convênio firmado entre a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP de Ribeirão Preto (FEA-RP). O objetivo é “observar e monitorar a pesquisa e o conhecimento em cooperativismo, desenvolver pesquisas em cooperativismo e futuramente incentivar a formação de centros de pesquisa e formação de professores e pesquisadores”.

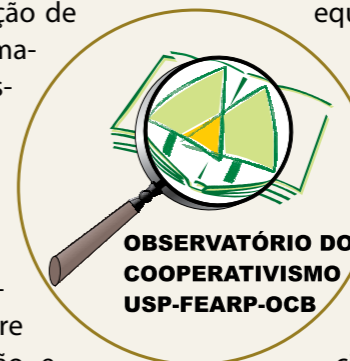
Basta acessar o endereço virtual <http://www.fearp.usp.br/cooperativismo/observatorio/> para conhecer as pesquisas feitas sobre as cooperativas, quem são e onde estão os pesquisadores, a bibliografia relativa ao cooperativismo e também conferir diversos artigos e monografias acerca do assunto. O portal traz, ainda, resenhas de livros que têm o cooperativismo como temática. Entre as obras, está a publicação “Aspectos econômicos das cooperativas”, de Sigismundo Bialoskorski Neto, que coordena a equipe do Observatório.

Também nesse trabalho de reunir em um único espaço virtual todas as infor-

mações científicas sobre o cooperativismo está Davi de Moura Costa, outro professor do mesmo departamento. Ele destaca o esforço da OCB/Sescop de se aproximar mais da academia e, assim, trazer para o próprio sistema as questões mais técnicas e teóricas. “Acho que faz diferença, porque isso vai, de certa forma, transbordar para as organizações estaduais e para as próprias cooperativas. Não que isso já não exista, mas são, por enquanto, casos isolados.” Juntamente com os professores, formam a equipe do Observatório do Cooperativismo estudantes e pesquisadores associados.

O professor Davi de Moura Costa afirma que também nessa linha de aproximação entre universidades e cooperativas será promovido um workshop internacional para debater o impacto

no cooperativismo do International Financial Reporting Standards (IFRS), novo conjunto de normas internacionais de contabilidade. De acordo com o professor, é preciso estudar a reação das cooperativas a essas regras. “Estamos trazendo pessoas de fora para mostrar como isso aconteceu em outros países; qual o impacto que gerou. Se isso foi bom ou ruim e por quê. Trata-se da discussão do momento, e as cooperativas brasileiras não podem ficar para trás”, conclui.



Cooperativismo define Agenda Legislativa para 2011

Documento inclui propostas de interesse do setor que estão em análise nas duas casas do Congresso Nacional



A Agenda Legislativa do Cooperativismo de 2011 foi lançada no último mês de março. Nela constam as propostas em análise na Câmara dos Deputados e no Senado Federal e que, de alguma forma, afetam o setor cooperativista brasileiro. Hoje são 57 projetos na Agenda, com indicações claras sobre aqueles que têm o apoio do Sistema OCB/Sescoop, quais têm apoio com ressalvas e também os que não são apoiados.

O objetivo da Agenda Legislativa do Cooperativismo é, justamente, orientar os parlamentares para que conheçam a posição do sistema cooperativista sobre as propostas que estão no Parlamento. Para tanto, cada proposição é acompanhada de um resumo, no qual estão os principais pontos do texto, em que pé está a análise no Congresso Nacional e ainda uma avaliação que aponta a importância ou as carências da matéria no que diz respeito ao cooperativismo.

Outro propósito do documento é ser uma referência para os parlamentares da Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop), que atua no Congresso Nacional desde 1986. Funciona como um guia para esses parlamentares e a experiência dos outros anos mostra que essa análise auxilia na aprovação de propostas que assegurem um ambiente mais favorável ao fortalecimento das cooperativas.

Na publicação que traz a Agenda Legislativa, o presidente da OCB/Sescoop, Márcio Lopes de Freitas, lembra que

2011 é “marco de um novo cenário político brasileiro, com o início de uma legislatura renovada”. Neste contexto, ele questiona quais devem ser as pretensões e as expectativas do Sistema Cooperativo Brasileiro. O próprio presidente responde que são diversas, mas com destaque “para os marcos regulatórios determinantes para o desenvolvimento sustentável do movimento; e o maior deles é, certamente, sensibilizar deputados e senadores para as especificidades do cooperativismo”.



Ministro Carlos Lupi, Márcio Lopes de Freitas e Deputado Zonta durante o lançamento da Agenda Legislativa do Cooperativismo

Juventude Cooperativa

O Dia Internacional do Cooperativismo que se celebra anualmente no primeiro sábado do mês de julho tem este ano um dos temas mais instigantes: juventude. E ele vem a calhar: no próximo ano será comemorado pela ONU o Ano Internacional do Cooperativismo, graças a um trabalho de convencimento muito bem executado pela ACI, desde Genebra.

Por que vem a calhar? Se a própria ONU consagra 2012 ao movimento cooperativista, está aí explicitado o entendimento daquela instituição mundial de defesa da paz, sobre o papel da doutrina neste elemento básico para a felicidade universal. E, sendo assim, a ONU reconhece que este papel deve ser perenizado; caso contrário não estaria prestando tal homenagem. Ora, não há movimento perene sem a inserção da juventude nele, única garantia de continuidade. Daí a ligação entre os dois eventos, o da ACI e o da ONU.

Muitas cooperativas em todo o mundo e também no Brasil criaram comitês de jovens, preocupadas com a formação adequada de recursos humanos para o movimento. E a OCB, nosso órgão máximo de representação, vem há anos trabalhando o "Cooperjovem", instrumento formal para o treinamento doutrinário de estudantes de todos os níveis.

Mesmo assim, não tem sido trivial trazer jovens para o cooperativismo. Aliás, em muitos casos, lideranças consolidadas



ROBERTO RODRIGUES (*)

ARQUIVO PESSOAL

"Costumo dizer que a vida é um trem no qual embarcamos quando nascemos e desembarcamos numa outra hora, inevitável. Os trilhos sobre os quais ele corre são o amor e a justiça. O combustível é a esperança. Tudo isso faz parte do ideário juvenil, de modo que o cooperativismo se encaixa como uma luva a este ideário."

não têm interesse nisso, até com certo receio de criar novos comandantes que poderão tomar-lhes o poder. E é aqui que reside o problema: no poder. Um presidente de cooperativa tem grande importância social e política na coletividade em que se insere, especialmente as cooperativas agropecuárias localizadas em pequenas cidades do interior. Neste caso, a cooperativa é geradora de emprego e renda, recolhe impostos municipais, difunde tecnologia e se relaciona com organismos maiores, de fora, inclusive financeiros. Por isso, o líder da empresa é reverenciado pelos poderes constituídos do município e não quer abrir mão de seus pequenos privilégios. E, por conseguinte, não abre espaço para os jovens.

No entanto, uma das grandes características de uma juventude sadia é o idealismo. A vontade de ajudar a melhorar as coisas, de contribuir para construir um mundo mais justo e equilibrado, é um ponto de partida excelente para atraí-la ao cooperativismo.

É preciso mostrar aos jovens os valores implícitos na doutrina. Solidariedade, transparência, honestidade, lealdade, são todos conceitos amados por eles - e aí da mocidade se não fosse assim.

Costumo dizer que a vida é um trem no qual embarcamos quando nascemos e desembarcamos numa outra hora, inevitável. Os trilhos sobre os quais ele corre são o amor e a justiça. O combustível é a esperança. Tudo isso faz parte do ideário juvenil, de modo que o cooperativismo se encaixa como uma luva a este ideário. Mas isso tem que ser explicado com clareza. E parece que faltam, na verdade, pessoas que se dediquem a esta tarefa sublime, de ensinar a doutrina e o que ela pode proporcionar à sociedade.

Esta tarefa não é apenas de um órgão de classe, como a OCB ou as OCEs. É de cada cooperativa, de cada cooperado, de cada dirigente, de cada funcionário. Não precisamos de professores, e sim de educadores.

Nunca me esqueço dos anos 90 do século passado, quando a ACI discutiu a revisão dos princípios do cooperativismo para o Congresso do seu Centenário, realizado em Manchester-Inglaterra, em 1995: durante as discussões pelo mundo todo, gravei uma posição de um velho educador latino-americano, segundo o qual deveria haver apenas 7 princípios:

- 1º - educação: para os cooperados
- 2º - educação: para os dirigentes
- 3º - educação: para os funcionários
- 4º - educação: para a mídia
- 5º - educação: para a sociedade
- 6º - educação: para a juventude
- 7º - educação: para os governantes

Só assim o cooperativismo floresceria na dimensão necessária. E de todos os 7, o mais importante é o sexto: educar a juventude. Porque desta forma o movimento será eterno, para o bem da humanidade.

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal

O Dia Internacional do Cooperativismo, comemorado no próximo 2 de julho, enfocará a importância dos jovens para a sustentabilidade do setor

Festa do cooperativismo mundial

Juventude: o futuro do cooperativismo. Esse é o tema da 89ª edição do Dia Internacional do Cooperativismo, a ser comemorado em dois de julho próximo. A proposta de homenagear e tratar da participação dos jovens nas cooperativas foi definida pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI). A ideia da entidade é discutir como o modelo de cooperativa pode capacitar os jovens. Além disso, vai ao encontro da decisão da Organização das Nações Unidas (ONU) de celebrar, entre 12 de agosto de 2010 e 12 de agosto deste ano, o Ano Internacional da Juventude.

Na avaliação do presidente do Sistema OCB/Sescoop, Márcio Lopes de Freitas, "a data é um bom momento para sensibilizar os mais jovens quanto ao caráter empreendedor e o papel de inclusão social do cooperativismo".

"Ao mesmo tempo, levaremos ao conhecimento de toda a sociedade os benefícios, valores e princípios do movimento", observa.

É nesse sentido que o Sescoop prepara uma agenda com diversas atividades a serem desenvolvidas durante o mês de julho. A logomarca da campanha do Dia Internacional do Cooperativismo 2011 foi apresentada na última Assembleia Geral Ordinária da OCB, e a proposta é que todas as unidades estaduais do Sistema, e



MÁRCIO LOPES DE FREITAS
presidente do Sescoop

"A data é um bom momento para sensibilizar os mais jovens para o cooperativismo."

também todas as cooperativas do país, mobilizem-se para comemorar e debater a participação da juventude no setor.

Um seminário, no dia 6 de julho, tratará do tema "Juventude: o futuro do cooperativismo". O evento será realizado na Câmara dos Deputados, com a participação da socióloga e diretora da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Lais Wendel Abramo. Na ocasião ela abordará a inserção dos jovens no mundo do trabalho. Uma discussão importante porque, além de os jovens serem um segmento que merece atenção especial em todo o mundo, o cooperativismo é um canal de absorção dessa mão de obra.

Ainda como parte das celebrações do 89º Dia Internacional do Cooperativismo, acontecerá em Brasília o Intercâmbio de Jovens Lideranças Cooperativistas. O programa é uma iniciativa do Sescoop voltada a despertar o interesse pelo cooperativismo entre os jovens entre 16 e

- **2010:** "A mulher e o cooperativismo - Conquistas e desafios para o empoderamento feminino"
- **2009:** "Conduzindo a recuperação global por meio das cooperativas"
- **2008:** "Enfrentando a mudança de clima por meio das empresas cooperativas"
- **2007:** "Os princípios e valores cooperativos para a responsabilidade social corporativa"
- **2006:** "Impulsionar a recuperação global por meio das cooperativas"
- **2005:** "Microfinança é assunto nosso! Cooperando para combater a pobreza!"
- **2004:** "Cooperativas para uma globalização justa: criar oportunidades para todos"
- **2003:** "As cooperativas fazem o desenvolvimento acontecer! A contribuição das cooperativas à Organização das Nações Unidas para o milênio"
- **2002:** "Sociedade e cooperativas: preocupação com a comunidade"
- **2001:** "As vantagens da cooperativa no terceiro milênio"

30 anos, além de capacitá-los para gerir os negócios de maneira competitiva.

Nesse encontro, representantes de oito estados onde o programa já é uma realidade apresentarão os projetos que são desenvolvidos e trocarão experiências e conhecimentos. A reunião também servirá para debater a evolução da iniciativa, com a perspectiva de inclusão efetiva do jovem na cooperativa e também o seu papel na mobilização da comunidade, de forma que outros jovens se comprometam com o cooperativismo como um canal efetivo de geração de emprego e renda.

Por que comemorar?

A data oficial do Dia Internacional do Cooperativismo, no primeiro sábado de

julho de cada ano, foi criada pela Aliança Cooperativa Internacional em 1994, e alcançou proporções maiores um ano depois, quando a entidade completou seu primeiro centenário. No entanto, a celebração já acontece desde 1923.

Segundo a própria ACI, a data é importante devido à necessidade de aumentar, em todo o mundo, a conscientização sobre as cooperativas e promover o sucesso do negócio, bem como os ideais de solidariedade internacional, a eficiência econômica, a igualdade e a paz mundial. "O Dia Internacional também pretende reforçar e ampliar as parcerias entre o movimento cooperativo internacional e de outros setores, incluindo governos, locais, nacionais e internacionais", informa a Aliança.

Vem aí o Ano Internacional das Cooperativas

A Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) decidiu que, em 2012, será celebrado o Ano Internacional das Cooperativas. O propósito é realçar a contribuição do cooperativismo para o desenvolvimento socioeconômico em todo o mundo (veja artigo na página 38). A Resolução 64/136, de 18 de Dezembro de 2009, da ONU, ressalta que as cooperativas têm um impacto significativo para a redução da pobreza, a geração de emprego e a integração social.

Ainda de acordo com o documento das Nações Unidas, as cooperativas são associações autônomas e voluntárias de pessoas que se unem para satisfazer necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais comuns, "por meio de uma empresa de posse comum e democraticamente controlada. De forma geral, elas contribuem para o desenvolvimento socioeconômico." A ONU destaca ainda que, ao satisfazer as necessidades dos seus membros, as cooperativas apoiam a criação de empregos e a geração de renda nas comunidades locais.

O documento lembra que o setor cooperativo conta com cerca de 800 milhões de membros em mais de cem países, e é responsável por mais de 100 milhões de postos de trabalho. Cita também alguns setores em que as cooperativas apresentam resultados relevantes. No Conselho Mundial das Uniões de Crédito eram, em 2009, 49 mil Cooperativas de Crédito, que serviam 177 milhões de membros, em 96 países.

As cooperativas agrícolas, por sua vez, eram responsáveis por 80 a 99% da produção de leite na Noruega, na Nova Zelândia e nos Estados Unidos. No mesmo ano, também respondiam por 40% da agricultura no Brasil e por 71% dos pescados na Coreia. A Resolução mostra ainda que as cooperativas elétricas desempenham um papel primordial na zona rural. Em Bangladesh, essas entidades atendiam, em 2009, 28 milhões de pessoas. Nos Estados Unidos eram 37 milhões de cidadãos beneficiados e quase a metade das linhas de distribuição de energia elétrica.

Cooperativas do Amazonas
crescem junto com o Programa de
Regionalização da Merenda Escolar

Coletividade e crescimento



A capital do Amazonas, Manaus, foi a cidade brasileira, com mais de 1 milhão de habitantes, que teve maior crescimento na última década. O aumento da população foi de 2,51%, segundo o censo do IBGE. Além disso, a região Norte foi a que recebeu o maior número de novos moradores no período. No Amazonas, o crescimento chegou a 2,16%. Mais gente, mais crianças nas escolas; e as cooperativas do estado têm um papel importante na oferta de merenda de boa qualidade a esses estudantes. Para tanto, participam do Programa de Regionalização da Merenda Escolar (Preme), da Agência de Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (ADS).

A proposta do Preme é mudar o sabor dos alimentos oferecidos aos alunos, substituindo os produtos industrializados, vindo de outros estados, por outros originados na própria região. O diretor-presidente da ADS, Valdelino Cavalcante, explica que o programa foi estruturado com dois objetivos principais. Um deles visou assegurar que o pequeno produtor rural tenha mercado para sua cultura e assim levar o desenvolvimento para o interior. O outro foi proporcionar aos estudantes alimentação de melhor qualidade. "Toda

BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP



VALDELINO CAVALCANTE
diretor-presidente da ADS

"Antes toda a merenda era importada, gerando emprego e renda em outros estados."

a merenda era importada, gerando emprego e renda em outros estados, sem condições de podermos agregar valor a esse recurso", afirma.

O programa começou em 2004, e na ocasião não contava com a presença de nenhuma cooperativa. Hoje, são 54. O número de cidades beneficiadas, que inicialmente eram quatro, subiu para 39 atualmente, e a movimentação financeira no período é de cerca de R\$ 80 milhões. São, no total, sete mil famílias de pequenos produtores rurais atendidas. O Preme está em 700 escolas do Amazonas, chegando a 600 mil alunos. Até o final de 2011, as refeições nos colégios terão a oferta de 46 tipos de alimentos extraídos do solo e das águas amazonenses.

Como um dos objetivos do Programa é possibilitar emprego e renda para o pequeno produtor do interior do estado, regras foram criadas para evitar que os grandes produtores de alimentos se tornassem os únicos fornecedores. A saída, como explica o diretor-presidente da ADS, foi encontrada na Lei Nº 8.666/93, que prevê a inexigibilidade de licitação, quando a competição é inviável. "Nós fizemos um programa no qual podem se credenciar para oferecer os alimentos o pequeno produtor, suas associações ou cooperativas."

BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP



Pequenos agricultores têm sua produção valorizada no Amazonas

Além disso, Valdelino Cavalcante diz que a Agência tem atuado para mostrar a esses produtores que, organizados e com uma representatividade jurídica, os ganhos financeiros e sociais são superiores.

Em pouco mais de cinco anos, os resultados do Preme para os pequenos produtores rurais do Amazonas são evidentes. De acordo com Cavalcante, se antes o dinheiro para comprar a merenda escolar ia para as mãos dos empresários que atendiam a uma cadeia de intermediação, hoje esses recursos vão direto para o trabalhador rural ou sua cooperativa. Os produtores se sentem valorizados, úteis à sociedade. Antigamente, produtor rural era sinônimo de vergonha, de timidez, de atraso. Hoje ele diz: "eu sou produtor e estou produzindo alimento pra atender à fome do povo."

O presidente da ADS aponta que essa valorização é ampliada quando os trabalhadores se organizam em associações e cooperativas, pois segundo ele isso traz profissionalização e esclarecimento. "Tira, não só o produtor rural,

mas a família dele, do anonimato. Muitos deles, que antes eram apenas trabalhadores braçais, já têm filhos dando aula na escola da comunidade e a mulher presidindo a cooperativa."

Dessa maneira, completa, o reflexo inicialmente econômico ganha contornos sociais. "Se você pega como exemplo uma comunidade rural, onde tem uma escola nossa, na hora da merenda escolar, o aluno vai consumir o que o pai produziu. E o pai dele já vai comprar o livro, o uniforme, o mantimento para a casa dele, com o dinheiro da sua produção", diz Cavalcante.

Conscientização

Entre as instituições que vendem sua produção para o Programa de Regionalização da Merenda Escolar está a Cooperativa dos Produtores Rurais da Comunidade Sagrado Coração de Jesus do Paraná da Eva (Ascope). Um dos cooperados é Ednaldo Soares de Mendonça. Ele considera "ótimo" para a cooperativa o fato de serem fornecedores

BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP



O movimento é intenso na feira de produtos regionais

do governo. “Ganhamos na valorização dos nossos produtos e na garantia de recebimento”, atesta.

O cooperativista, no entanto, reclama que há ainda uma longa trilha a ser percorrida, pois os insumos são mais caros do que em estados vizinhos, e os programas sociais do governo ainda são tímidos. Diz também que muitos produtores ainda não entenderam o real espírito do cooperativismo. “Muita gente quer ser presidente, secretário, mas não quer realmente trabalhar. Aham que cooperativa é só para dar dinheiro. Cooperativa dá trabalho. Você recebe muitos benefícios, ganha um produto melhor, ganha respeito do governo, mas se você não quiser trabalhar ela não vai crescer”, diz.

Ednaldo Mendonça, apesar da pouca escolaridade - só agora está cursando o ensino médio - já guarda um entendimento muito importante do que é o cooperativismo. “Muita gente ainda pensa que cooperativa é para um dia se tornar uma potência mundial, mas a potência da cooperativa são os co-

operados. O cooperado estando bem, comprando, pagando e vivendo bem com sua família”, conclui.

Parceria

A participação das cooperativas no Preme se deu a partir de um convênio firmado entre a Organização das Cooperativas do Amazonas e a Agência de Desenvolvimento Sustentável do estado. Para ser fornecedora de alimentos ao Programa, a cooperativa tem de ser registrada na OCB/AM. Ser certificada como cooperativa legítima é requisito básico. O presidente da OCB-Sescoop do Amazonas, Petrócio Pereira de Magalhães Júnior, afirma que essa decisão se mostrou acertada, uma vez que, ao se aproximarem, as cooperativas passaram a receber outros serviços oferecidos pelo Sistema.

Para ter direito ao certificado de fornecedor do Preme, as cooperativas devem respeitar algumas exigências. Uma delas, de acordo com Petrócio, é a participação em programas de capacitação e

de formação. “Inicialmente, fazemos um plano de negócio participativo. Oficinas orientam para as formas de constituição de cooperativas, e exigimos ainda a participação em cursos”, explica o presidente, ao esclarecer quais são as normas para a certificação.

O dirigente acredita que essas regras foram importantes para promover uma aproximação maior entre as cooperativas e a entidade. “Foi algo muito positivo”, comemora. “As cooperativas estão se registrando e vindo para os eventos promovidos pela organização, inclusive para os cursos e treinamentos do SESCOOP.”

Monitoramento

Um trabalho importante desenvolvido pelo SESCOOP Amazonas, como destaca Petrócio, é o programa de monitoramento das cooperativas. “Só em 2010, nós saímos de cerca de vinte monitoramentos para 121. Foram 121 visitas que nossos técnicos, contadores, administradores, advogados fizeram a essas cooperativas, para auxiliar na gestão, no desembaraço de algumas atividades e promovendo a melhoria de processos”, ressalta.

O monitoramento, reforça o presidente, faz toda diferença na consolidação da cooperativa. Petrócio Pereira conta que ao ouvir falar dos bons resultados das cooperativas, muita gente se aproxima e quer participar. “A cooperativa tem um apelo social muito grande, porém sua existência e seu fortalecimento dependem muito da viabilidade econômica. Você não consegue manter um grupo motivado a continuar no processo apenas pela filosofia, pela doutrina, pelos princípios e valores”, afirma.



EDNALDO SOARES DE MENDONÇA
Ascope/AM

“Ganhamos na valorização de nosso produto e na garantia de recebimento.”

Petrúcio ressalta ser preciso que o cooperativado entenda que um negócio coletivo requer prazo para trazer resultado econômico. “Nenhuma cooperativa nasce grande, esse é um detalhe importante. As cooperativas, de um modo geral, nascem pequenas, e elas vão crescendo a partir do momento que vão recebendo os apoios necessários e demonstrando eficiência”, conclui.



O movimento é intenso na feira de produtos regionais

BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP



Ascope é uma das cooperativas participantes do Programa de Regionalização da Merenda Escolar

BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP

Qualidade de vida na floresta



Viver no interior da Amazônia e com muita qualidade. É o que o cooperativismo tem possibilitado aos moradores da comunidade de Vila do Engenho – sede da Cooperativa dos Produtores Rurais da Comunidade Sagrado Coração de Jesus do Paraná da Eva

Muitas vezes, a referência do nosso estado é uma casinha de palha, um cachorro, uma mulher grávida e um camarada vendendo mão de obra. E isso não é identidade para o amazônico não. Nós precisamos mudar esse quadro. Temos que pensar diferente: podemos ter uma estrutura, uma boa casa, e morar aqui no meio da Amazônia com qualidade". É com esse olhar que Edsomar Soares de Mendonça e sua esposa, Nazira, encaram a vida na Vila do Engenho, comunidade a 270 km de Manaus, às margens do rio Paraná Eva, um dos braços do rio Amazonas.

A alternativa que essa família buscou para escrever uma história diferente para ela e para os vizinhos foi o cooperativismo. Edsomar é um dos fundadores da Cooperativa dos Produtores Rurais da Comunidade Sagrado Coração de Jesus do Paraná da Eva (Ascope). Desde 1997, os trabalhadores rurais da Vila estão organizados. Hoje, a produção de abacaxi, a fábrica de despulpamento de cupuaçu e a seção de consumo flutuante da cooperativa são a principal fonte econômica da região. A cooperativa é o motor propulsor do progresso local.

A persistência e a organização da Ascope fizeram dessa cooperativa uma referência no interior do Amazonas. Edsomar diz que esse fato aumenta a responsabilidade dos cooperados, o que às vezes chega a ser motivo de preocupação. "Há momentos em que a gente não sente tanta alegria, porque ser uma referência em um estado do tamanho do Amazonas é algo extraordinário, mas significa que ainda existe muita necessidade desse tipo de iniciativa em vários outros lugares."

E qual foi a receita da Cooperativa dos Produtores Rurais da Comunidade Sagrado Coração de Jesus do Paraná da



ALEX VIEIRA DE OLIVEIRA
Vila do Engenho

"Antes eu trabalhava só no sítio, mas agora pretendo continuar no cooperativismo; participar mais, colaborar."

Eva? A resposta, segundo o próprio cooperativista, está no trabalho e também na busca de orientação e conhecimento. "O Sescop nos deu todo o apoio na questão do aprendizado", reconhece.

Uma das iniciativas do Sescop destacadas por ele é o programa Jovens Lide-



Edsomar Mendonça e sua esposa, Nazira

ranças, que possibilitou à geração mais nova a oportunidade de aprender o que é o cooperativismo. “Os mais jovens tiveram mais sorte que a gente. Quando criamos a cooperativa, a nossa dificuldade foi maior. Tivemos todos os cursos, mas não esses, com muitas horas e profissionais bem qualificados. Era uma época bem diferente”, recorda.

De fato, eram tempos mais difíceis. Nos últimos cinco anos, graças aos esforços da cooperativa, a vida mudou. A luz elétrica e uma estrada asfaltada chegaram. Foi inaugurada a Agroindústria de Polpa de Frutas Ascope, com capacidade para a produção de dez toneladas por dia de polpa de abacaxi, cupuaçu, graviola e taperebá. “Hoje o desenvolvimento por aqui é grande. Agora vemos que não se pede mais tanta coisa ao governo. As pessoas têm recursos próprios pra comprar seus bens”, comemora o cooperado Ednaldo Soares de Mendonça.

Em Vila do Engenho, o cooperativismo abre as portas para a juventude. Alex Vieira de Oliveira é filho de cooperado e trabalha na agroindústria. “Antes eu trabalhava só no sítio, mas agora preten-

BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP



EDSOMAR MENDONÇA
Vila do Engenho/AM

“Podemos morar no meio da Amazônia com qualidade de vida”

do continuar no cooperativismo. Assim que der, vou me associar à cooperativa, para participar mais, colaborar.” O jovem amazonense relata que o beneficiamento da polpa de frutas fez uma diferença grande na vida de sua família. De acordo com ele, antes a produção era vendida para os atravessadores, o que resultava em prejuízos no final do mês. “Agora temos saldo, e podemos planejar alguma coisa, um benefício, comprar algum bem, planejar uma viagem com a família. O dinheiro que sobra dá pra fazer alguma coisa assim”, reflete.

A história de Alex é repetida por outros homens e mulheres da Vila. A cooperativa trouxe desenvolvimento e melhor qualidade de vida, mas para Edsomar Soares há outros ganhos ainda mais significativos. Ele reforça que o cooperativismo trabalha pela igualdade, acaba com a competição. “Nós somos todos seres humanos, e é importante não perder isso de vista. Aqui eu tenho o mesmo valor que você tem. Então, para que o indivíduo se sinta forte, é preciso que o cooperativismo tenha mais abrangência, chegue mais longe, beneficie cada vez mais comunidades”, ensina.

BANCO DE IMAGENS DO SESCOOP



A Agroindústria de Polpa de Frutas Ascope consegue produzir até dez toneladas diárias de polpas regionais

Sescoop:
há mais de onze anos promovendo o encontro do cooperativismo com a educação.

O Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) atua na formação profissional, na promoção social e no monitoramento de cooperativas.

Presente em todos os estados e no Distrito Federal, o SESCOOP já atendeu cerca de 3,6 milhões de trabalhadores de cooperativas, de cooperados e de seus familiares, capacitando-os para gerar, por meio do cooperativismo, mais desenvolvimento e justiça social.



SESCOOP
Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo

Dia 2 de julho é o
Dia Internacional do Cooperativismo,
movimento que gera desenvolvimento social
e qualidade de vida. E, este ano, vamos falar
do papel dos jovens nas cooperativas.
Afinal, gente jovem adora um desafio.
E o desafio do cooperativismo é transformar
o mundo em um lugar melhor.

jovem

combina com

COOPERAÇÃO

que combina com

transformação.

Dia Internacional do Cooperativismo 2011



O futuro do cooperativismo.



www.brasilcooperativo.coop.br